

# *Sessea* Carvalho et Schnoor - nova seção para o gênero *Cestrum* (Solanaceae)<sup>1</sup>

Lucia d'Ávila Freire de Carvalho<sup>2</sup>  
Adriana Schnoor<sup>3</sup>

## RESUMO

UM NOVO EXAME DA MORFOLOGIA DAS DUAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO *SESSEA* (*SESSEA REGNELLI* TAUB. E *SESSEA BRASILIENSIS* TOLEDO) POSSIBILITOU RECONHECER CARACTERES MORFOLÓGICOS RELEVANTES PARA DIAGNOSTICÁ-LAS E CONCEITUAR O GÊNERO. A ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS GÊNEROS *SESSEA* E *CESTRUM*, PERMITIU ESTABELECEER UMA NOVA POSIÇÃO HIERÁRQUICA PARA O GÊNERO *SESSEA*. PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS, É APRESENTADA UMA CHAVE PARA RECONHECIMENTO E NOVAS LOCALIDADES DE OCORRÊNCIA NO PAÍS SÃO REGISTRADAS.

**PALAVRAS-CHAVES:** SOLANACEAE, *SESSEA*, *CESTRUM*, TAXONOMIA, BRASIL, REGIÕES SUDESTE E SUL.

## ABSTRACT

NEW INVESTIGATIONS ON THE MORPHOLOGY OF THE TWO BRAZILIAN SPECIES FOR THE GENUS *SESSEA* (*SESSEA REGNELLI* TAUB. AND *SESSEA BRASILIENSIS* TOLEDO) HAVE MADE POSSIBLE THE RECOGNITION OF SOME MORPHOLOGIC CHARACTERISTICS WHICH ARE RELEVANT TO THE DIAGNOSIS OF THE SPECIES AND THE CONCEPTUALIZATION OF THE GENUS. THE ANALYTICAL COMPARISON BETWEEN *SESSEA* AND *CESTRUM* LED TO A NEW HIERARCHIC POSITION FOR THE GENUS *SESSEA*. THE PRESENT PAPER ALSO INCLUDES A KEY TO THE BRAZILIAN SPECIES. NEW OCCURRENCES IN THE COUNTRY ARE REPORTED.

**KEY WORDS:** SOLANACEAE, *SESSEA*, *CESTRUM*, TAXONOMY, BRAZIL, SOUTHEAST AND SOUTH REGIONS.

## INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES TAXONÔMICAS

O estudo das duas espécies brasileiras do gênero *Sessea* (*S. regnelli* Taub. e *S. brasiliensis* Toledo) revelou características morfológicas consistentes para diagnosticá-las e também conceituar o gênero. A grande semelhança com o gênero *Cestrum* e a análise bibliográfica do gênero *Sessea* demonstraram sua inconsistência e instabilidade taxonômica.

O gênero *Sessea*, descrito em 1794 por Ruiz et Pavón *in* Dunal (1852), foi revisado por Bitter (1920/21) que distribuiu as 13 espécies conhecidas até então (inclusive os novos táxons) pelas cinco séries por ele estabelecidas, levando em consideração a presença de indumento, o hábito e a localidade de ocorrência destas plantas.

A posição taxonômica deste gênero, por vezes variável dentro dos novos Sistemas, é constantemente discutida: Dunal (1852) indica o gênero *Sessea* no *Conspectus*, publicado por De Candolle, para a subtribo *Metternichieae* baseado na semelhança dos frutos capsulares e das sementes aladas, separando-o do gênero *Cestrum* por esta razão. Para Bentham e Hooker (1876) o gênero *Sessea* faz parte da subtribo

<sup>1</sup> Apresentado no VI Congresso Latinoamericano de Botânica, Mar del Plata, Argentina, 1994.

<sup>2</sup> Pesquisadora do JBRJ e do CNPq. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Pacheco Leão 915. Cep: 22.460-030.

<sup>3</sup> Bolsista do CNPq.

Cestrinae com outros sete gêneros, incluindo *Cestrum*, apesar deste possuir um fruto bacáceo. Francey (1935) e D'Arcy (1973) comentam a grande semelhança e as diferenças, por vezes pouco consistentes, observadas entre os gêneros *Cestrum* e *Sessea*, e consideram a grande afinidade existente em relação à organização da flor. Recentemente, Hunziker (1979) publicou um estudo sinóptico sobre as solanáceas da América do Sul, localizando o gênero *Sessea* ao lado do gênero *Cestrum*, na tribo Cestreae, onde também inclui outros dois gêneros, *Metternichia* e *Vestia*. D'Arcy (1978 e 1979) admite também a presença deste gênero na tribo Cestreae.

Na análise comparativa efetuada entre *Cestrum* e *Sessea*, a relação cálice-corola e o tipo do fruto são aqui considerados caracteres morfológicos de valor taxonômico para distingui-los, embora não sejam suficientes para conceituar um gênero. Questão semelhante, bastante conhecida, pode ser observada entre gêneros que foram transformados em seção como, por exemplo, *Franciscea* Pohl em *Brunfelsia* L.; *Brugmansia* Pers. em *Datura* L. e *Lycopersicon* Mill. em *Solanum* L., considerados e reconsiderados através de inúmeras pesquisas elucidativas dos problemas morfológicos, visando simplificar e homogeneizar a Taxonomia, valorizando os caracteres consistentes para a identificação dos gêneros desta família.

## RESULTADOS

Considerando os problemas levantados nos artigos mencionados e as pesquisas efetuadas com as duas espécies brasileiras, há como estabelecer uma nova posição para o gênero *Sessea*, sem provocar uma desordem na sistemática do grupo. Assim, fica formalizada a mudança do estado de gênero para seção *Sessea*, dentro do gênero *Cestrum*.

## TRATAMENTO TAXONÔMICO

A descrição da seção foi baseada nos diversos exemplares herborizados das duas espécies brasileiras.

**Sect. *Sessea* Carvalho et Schnoor nov. sect. et nov. stat.**

*Sessea* Ruiz et Pav., *Fl. peruv. prod.* t.33:21.1794; Dun., 1852:595; Benth. & Hook., 1876:905; Miers., in Hook. *London Journ. Bot.* 5:152.1846; Baill., *Hist. Pl.* 9:359.1888; Bitter, 1920/21:219; Toledo, 1941:68. **Tipo:** *Sessea stipulata* Ruiz et Pav. "In montibus Peruviae Huanuci (Ruiz et Pav.)." MA.

*Flores* 9-23mm longi, *calyx tubi corollae* 1/2-

1/4 longi; *capsula* bivalva, *seminibus paucis planis, testa reticulata.*

**ÁRVORE**, 7-30m alt., ramos cilíndricos com lenticelas esparsas. **FOLHAS** pecioladas, isoladas, nervação camptódroma, nervuras secundárias ascendentes, alternas, opostas ou subopostas, nervuras terciárias anastomosadas, reticuladas, terminações múltiplas, bainha de células hialinas com pontuações e células esclerenquimáticas ao longo dos feixes e terminações vasculares, estômatos anomocíticos, tricomas com paredes lisas, unisseriados, dendríticos e glandulares com 2 células apicais, pedicelo com 1-2 células; pecíolo supra-canaliculado. **INFLORESCÊNCIA** laxa a congesta, axilar, racemosa e paniculada; bractéolas presentes. **FLORES** pediceladas ou sésseis, tubulosas a tubuloso-campanuladas, pré-floração induplicada, apêndices laciniiformes lanceolados, vestigiais, desiguais. **ESTAMES** inclusos, 5-iguais, ca. 1/3 concrecido na região basal do tubo corolífero; antera largo-oblonga, bilocular, dorsifixa, deiscência rimosa; filete geniculado, uninervado, glabro ou piloso; tricomas simples e dendríticos na região concrecida, com tufo na extremidade superior. **GINECEU** de ovário súpero, glabro, disco anelar ca. de metade do comprimento do ovário; estilete acima dos estames exclusivos; região estigmática lateral, bifida. **CÁLICE** frutífero persistente, não desenvolvido, pedicelo desenvolvido. **CÁPSULA** ca. 1-3mm compr., cilíndrica, cartácea, septífraga, bivalvar, bifida no ápice, valvas de superfície lisa. **SEMENTES** poucas, aladas, planas, alongadas, testa reticulada, placenta alongada. **EMBRIÃO** reto, pouco endosperma, cotilédones planos, espatulados.

**Etimologia:** Martin Sessé, médico e naturalista espanhol, fundador e diretor do Jardim Botânico do México (1759-1829).

## Chave analítica para o reconhecimento das espécies brasileiras

1. Folhas lanceoladas a ovado-lanceoladas, tomentosas na face dorsal; tricomas dendríticos e tricomas glandulares na face ventral, tricomas dendríticos densos na face dorsal; flores sésseis, cálice tomentoso, bractéolas lineares; cálice 1/2 do comprimento da corola, corola com lacínias lanceolado-agudas. .... 1. *Cestrum capsulare*

P. Folhas lanceoladas, glabrescentes, tricomas glandulares esparsos na face dorsal, domáceas pilíferas; flores pediceladas, cálice glabrescente, bractéolas ausentes; cálice 1/4 do comprimento da

corola, corola com lacínias lanceolado-obtusas.

..... **2. *Cestrum toledii***

**1. *Cestrum capsulare* Carvalho et Schnoor, nov. stat. et nov. nom.**

*Sessea regnellii* Taub., Bot. Jahrb. 15. Beibl. 38:18.1893; Bitter, 1920-21:219; Francey, 1933:989; Smith et Downs, Fl. Illustr. Catarinense :243, fig.34a-c, foto :244.1966.

**Sintipo:** "Habitat in Brasiliae prov. Minas Geraës prope Caldas. Regnell III, 1005; nuperrime etiam a cl. Glaziou sub n. 19729 (loco haud citato) transmissa. - Flor. et fructif. m. Sept." **Nome vulgar:** desconhecido.

**Figuras:** 1-8, 16, 17, 20.

ÁRVORE, 8-30m alt.; ramos quando adultos estriados, tomentosos, tricomas dendríticos. FOLHA membranácea, lanceolada a ovado-lanceolada, discolor; lâmina 7-13cm compr. e 2-7cm larg., margem inteira, indumento tomentoso, tricomas dendríticos e glandulares na face dorsal e tricomas glandulares na face ventral, 12-17 nervuras secundárias, estômatos com ostíolos acima do nível da epiderme. PECÍOLO 1,8-2,5cm compr. e ca. 1mm diâm. FLORES creme-esverdeadas, 1,4-1,7cm compr., sésseis, raro subsésseis; bractéolas lineares, 4-5cm compr., articuladas, tomentosas. CÁLICE esverdeado, claro, 4-7mm compr. e ca. 2,5mm diâm., tomentoso; tricomas de simples a dendríticos, emaranhados na face externa, abundantes em direção ao ápice das lacínias e tricomas glandulares esparsos na região apical na face interna; epiderme externa formada por células de paredes onduladas, celulósicas, finas e lisas, por vezes estriadas; células de paredes onduladas, irregulares, espessadas, lisas na porção inferior do tubo calicíneo; lacínias ca. 1mm compr. e menor que 1mm larg. COROLA 0,8-1cm compr. e ca. 2mm diâm., tricomas unisseriados e dendríticos na região do bordo na face externa e densos na face interna; 5-nervuras ascendentes, ramificadas e anastomosadas na região das lacínias; células epidérmicas alongadas, paredes celulósicas, finas, lisas e estriadas na face externa; lacínias lanceolado-obtusas, ca. 1mm compr. e ca. 1mm larg., papilas estriadas. FILETE ca. 6mm compr., tricomas simples e dendríticos na extremidade superior da região condescida; antera até 5mm compr. OVÁRIO

Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 45/49,(71/75), p. 15-24 1993/97

até 1mm compr. e ca. 1mm larg.; estilete excluído, ca. 7mm compr. CÁPSULA 0,9-1,5cm compr., ca. 3mm diâm., pedicelo frutífero até 1mm compr.; 4-7 sementes, ca. 9mm compr., até 1mm larg., extremidades assimétricas; embrião ca. 3mm compr., cotilédones até 1mm compr.

**Distribuição geográfica:** Brasil: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

**Fenologia:** Flores entre os meses de agosto e outubro, frutos entre agosto e outubro e em janeiro.

**Etimologia:** o novo nome da espécie caracteriza a nova seção *Sessea*; o nome anterior, que homenageava o botânico suíço A. F. Regnell, não pôde ser mantido, pois incorreria em homonímia.

**Material examinado: Minas Gerais:** Poços de Caldas, 11/9/1966, O.Roppa 827 (R). **Rio de Janeiro:** Macaé de Cima, área degradada, 12/9/1990, C.M.B.Correia et al. 189 (RB). **Paraná:** Guarapuava, araucarieto semi-devastado, 20/9/1968, G.Hatschbach s.n. (RB 142.081); Chopinzinho, araucarieto, 12/8/1971, G.Hatschbach et al. 26.912 (RFA); Mandirituba, região de araucária, 6/10/1987, G.Hatschbach et al. 51.480 (HRB). **Santa Catarina:** Joaçaba, ruderal, 500-600m de alt., 5/1/1957, L.B.Smith et al. 9.925 (R); Itapiranga, floresta, 200-250m de alt., 17/10/1964, idem 12.655 (HRB, R); idem, 19/10/1964, idem 12.728 (R); Uruguai, floresta, 350-400m de alt., 24/10/1964, idem 12.925 (R, SP).

**2. *Cestrum toledii* Carvalho et Schnoor, nov. stat. et nov. nom.**

*Sessea brasiliensis* Toledo, 1941:68; Carvalho, Hoehnea 12:74.1985. **Sintipo:** "Habitat in Brasilia meridionali (Estado de São Paulo) in silvis prope urbes: Capital (in Parque e Jardim Botânico do Estado et in Serra da Cantareira); Atibaia (Pedra Grande); Santa Isabel; Guaratinguetá." **Nome vulgar:** canela-de-veado, peroba-d'água (São Paulo), pau-novo (Rio de Janeiro).

**Figuras:** 9-15, 18, 19, 21-23.

ÁRVORE, 7-25m alt.; ramos estriados e esfoliantes, glabros. FOLHA membranácea a cartácea, lanceolada; lâmina 5,5-14,5cm compr. e 1,8-4,5cm larg., margem inteira raro levemente

ondulada, tricomas glandulares diminutos esparsos na face dorsal, 8-16 nervuras secundárias, domáceas pilíferas, estômatos no nível da epiderme. PECÍOLO 1-2,5cm compr. e ca. 1mm diâm. Raque da inflorescência vilosa. FLORES alvacentas até amarelo-esverdeadas, 1,6-2,4cm compr., pedicelo articulado, até ca. 2mm compr., glabro. Bractéolas caducas. CÁLICE verde-claro, 3-4mm compr., glabrescente; tricomas unisseriados e ramificados esparsos na face externa da região das lacínias, próximos à margem e ao longo das nervuras; tricomas glandulares esparsos na face interna do cálice; papilas estriadas esparsas na região das lacínias; células irregulares, paredes celulósicas, retas, finas e lisas na epiderme externa; células alongadas, lisas na epiderme interna; numerosas células alongadas de paredes onduladas e esclerenquimáticas na região do tubo calicínico e ao longo dos feixes vasculares; lacínias ca. 1mm compr. e ca. 1mm larg. COROLA ca. 1,3cm compr. e ca. 2mm diâm., tricomas unisseriados com células apicais esclerenquimáticas e tricomas unisseriados evoluindo para tricomas ramificados na região do bordo das lacínias na face interna e densos na face externa; 5-nervuras ascendentes, ramificadas e livres; células irregulares, paredes celulósicas, retas, finas e lisas na epiderme externa, células alongadas, paredes hialinas, lisas na epiderme interna na região mediana do tubo; lacínias lanceolado-agudas ca. 1mm compr. e ca. 1mm larg., margem e face interna papilosa, papilas estriadas e apiculadas. FILETE 1,1-1,8cm compr.; tricomas simples na região condescida, com tufo na extremidade superior; antera ca. 1mm compr., superfície papilosa. OVÁRIO ca. 8mm compr. e 8mm larg.; estilete ca. 1,3cm compr.; papilas estriadas ao longo do estilete. CÁPSULA 1,3-2cm compr., ca. 4mm diâm., pedicelo frutífero ca. 1-2,8mm compr.; 8-sementes, ca. 1-1,5cm compr. e 1-2mm larg., extremidades simétricas; embrião até 2mm compr., cotilédones até 1mm compr.

**Distribuição geográfica:** Brasil: Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

**Fenologia:** Flores entre os meses de maio e julho, outubro e novembro, frutos entre agosto e novembro.

**Etimologia:** o nome da espécie foi trocado para evitar a homonímia; aproveitou-se para homenagear o autor da descoberta da espécie, J. F. Toledo (1905-1952), do Instituto de Botânica de São Paulo.

**Utilidade:** Madeira resistente à humidade (Toledo, 1941 *apud* Koscinski.).

**Material examinado:** Minas Gerais: Viçosa,

silvicultura, 14/6/1978, R.S.Ramalho & G.Rodrigues 1.189 (HRB, RB); **Rio de Janeiro:** Teresópolis, mata atlântica, 1000m de alt., 13/6/1940, A.C.Brade 16.287 (RB); Parque Nac. da Serra dos Órgãos, 16/10/1942, W.D.Barros 1.046 (RB); **São Paulo:** Campos do Jordão, mata de araucária, 22/11/1979, H.C.de Lima 1.130 (RB); Igaratá, 3/8/1949, M.Kuhlmann 1.952 (RB); Jundiá, Serra do Japi, 4/12/1984, L.P.C.Monellato et al. s.n. (UEC); São José dos Campos, Reserva Florestal de Boa Vista, 10/9/1985, A.F.Silva et al. 1.246 (RB); São Paulo, matas do Instituto Botânico, 19/6/1961, E.Pereira et al. 5.727 (RB); Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, 10/10/1979, M.R.F.Melo 151 (RB); idem, 16/6/1932, F.C.Hoehne s.n. (RB 210.249, SP 29.746); Parque do Estado, nativa, 31/5/1961, A.Hodgson s.n. (RB 302.180, SP 117.055); Cidade Jardim, resto de mata primitiva, O.Handro 1.196 (SP); Serra da Cantareira, Serra da Cuca, M.Koscinski 108 (SP 30.823 e UEC s.reg.); Serra do Japi, 11/6/1990, J.Vasconcellos Neto s.n. (RB 302.850). **S.loc.,** 6/11/1941, J.G.Kuhlmann s.n. (RB 45.585).

## DISCUSSÃO

No exame morfológico das lâminas foliares e das flores de *C. capsulare* e *C. toledii* foram observadas as diversas etapas do desenvolvimento dos tricomas simples e dendríticos, passando da fase de tricomas simples e glandulares para pluricelulares (figs. 2-5) conforme Seithe (1979) demonstra para as espécies de *Solanum*.

O padrão de vascularização, embora expressivo, não apresenta valor taxonômico a nível específico; apenas em *Cestrum toledii* a espessura dos feixes vasculares a partir da 4ª ordem é menor quando comparada com *Cestrum capsulare* (figs. 20 e 21).

Os apêndices laciniiformes vestigiais (fig. 23), observados nas duas espécies brasileiras, foram mencionados por Toledo (1941) em *Sessea brasiliensis* como "*an nocte expansae*" e nos permite estabelecer uma nova afinidade com a seção *Cestranthus* Benth. do gênero *Schwenckia* (Carvalho, 1978), assim como a semelhança das flores e a presença do fruto capsular.

Através do levantamento bibliográfico tradicional, foram relacionadas 27 espécies, sendo 26 espécies distribuídas pela América do Sul e uma única espécie indicada para o Haiti (fig. 24).

Da consulta realizada a diversos herbários foi possível registrar para as espécies brasileiras novas localidades de ocorrência, a saber: Estados do Rio de Janeiro e do Paraná para *Cestrum capsulare* e Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro para



*Cestrum toledii*. Estas duas espécies têm preferência de crescimento em formação de floresta, como a Floresta Pluvial Atlântica e Floresta Pluvial Atlântica montana. A região andina concentra 24 espécies. Existe uma disjunção alopatrica para as espécies deste grupo, evidenciando que as brasileiras são simpátricas.

Apenas *Sessea vestioides* (Schlecht.) A.T.Hunz. (Toledo, 1941; Hunziker, 1977 e 1979) parece ter alguma proximidade com a região sul do Brasil, ainda não comprovada nos herbários brasileiros. Recentemente, os herbários de Paris (P) e Kew Gardens (K) enviaram material fotográfico e o herbário de Viena (W) enviou uma exsicata com flores desta espécie. Este material, coletado por Sellow, não especifica a região do Brasil. No artigo de Urban (1893) há indicações de coletas realizadas por Sellow no Estado do Rio Grande do Sul, próximas à cidade de Porto Alegre, no lugarejo denominado Encruzilhada, no ano de 1825, sob o nº 2.965. No ano seguinte, outra coleta sob o nº 3.897 foi efetuada no Rio Grande do Sul, mas não foi possível identificar a localidade, mesmo após a consulta ao artigo de Herter (s.d.). Estas coletas são consideradas por Schlechtendal, autor da espécie *Cestrum vestioides*, como tipos nomenclaturais caracterizados sintipos.

As demais espécies, que não ocorrem no Brasil, não foram analisadas neste artigo, apenas estudadas através da leitura de suas descrições, observando-se os caracteres comuns ao gênero. Assim, fica em aberto para futuros estudos, com base no material botânico frutífero (característica mais consistente), a posição dessas espécies na seção recém criada ou o seu deslocamento para as outras seções do gênero *Cestrum*.

## AGRADECIMENTOS

Aos srs. responsáveis pelos herbários nacionais: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - RADAM (HRB), Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB), Museu Nacional (R), Universidade Estadual de Campinas (UEC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (RFA), Universidade de São Paulo (UPF) e Universidade Federal de Viçosa (VIC); e estrangeiros: Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (P), Royal Botanic Gardens, Kew (K) e Naturhistorisches Museum, Wien (W).

Ao Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia - CNPq e ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, nossos agradecimentos pelo apoio financeiro e incentivo.

A J. F. Toledo (*in memoriam*) e ao Instituto de Botânica de São Paulo pelo uso do desenho de *Sessea brasiliensis* Toledo (figs. 9, 13, 14 e 15).

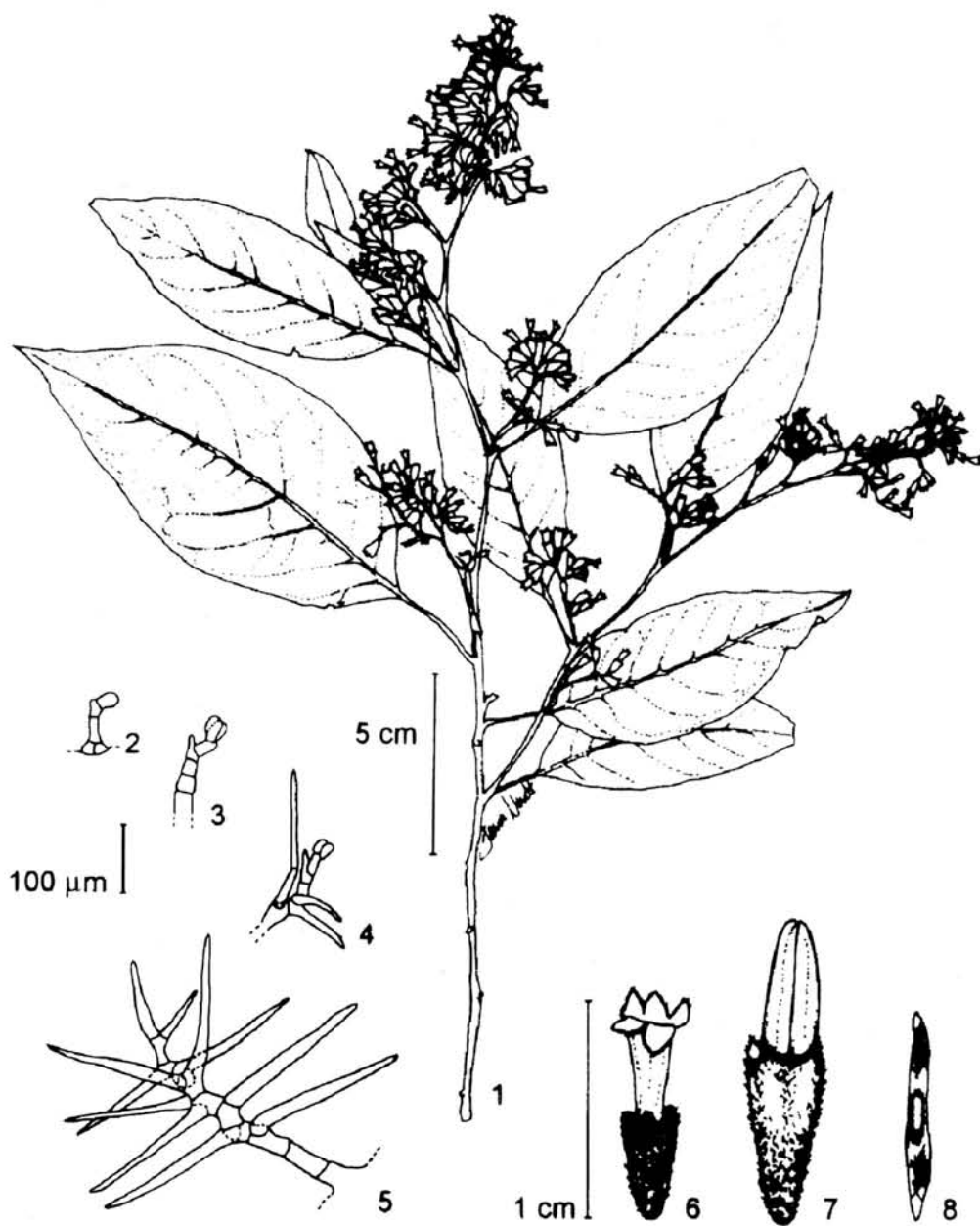
À ilustradora Tânia Wendt pelos desenhos de *Cestrum capsulare* (figs. 1, 6, 7 e 8).

A Renato Pizarro Drummond pela

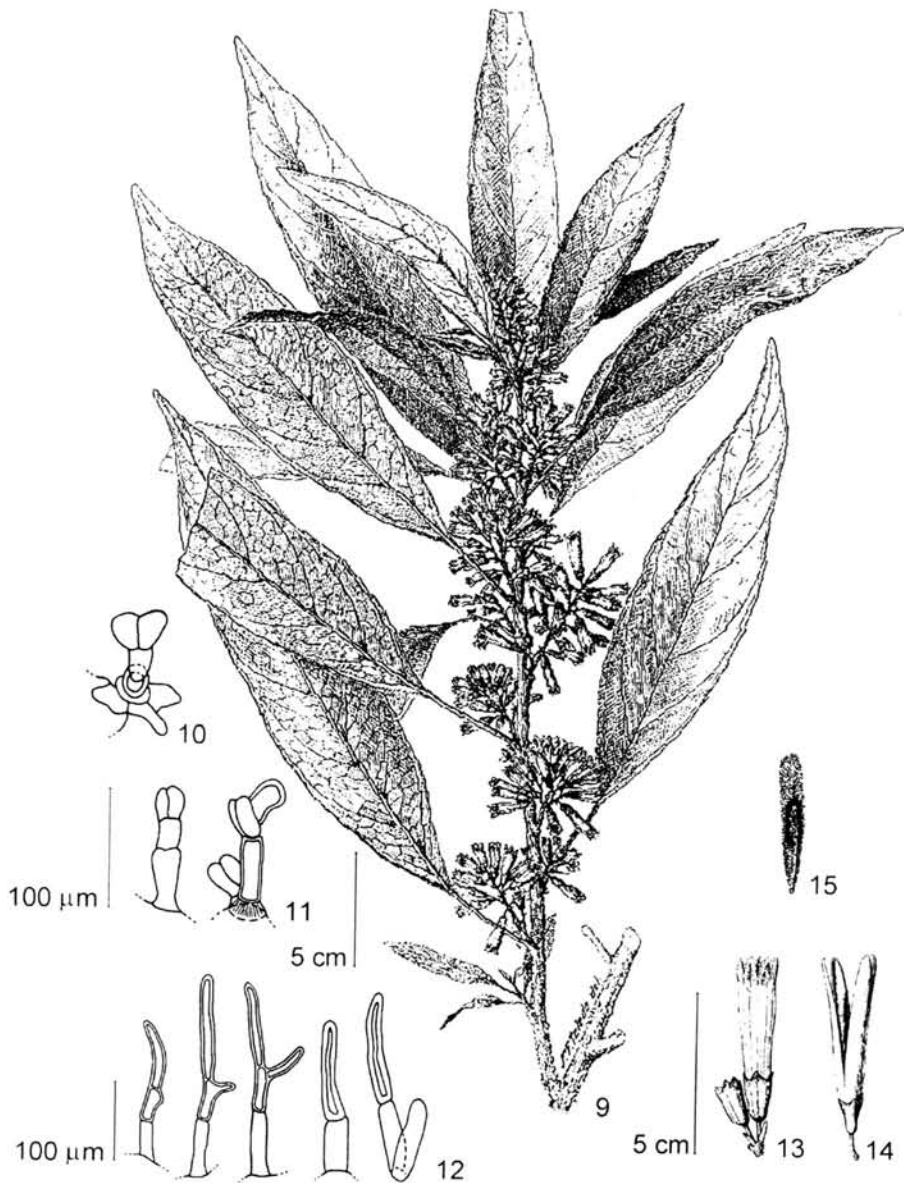
colaboração nos demais desenhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

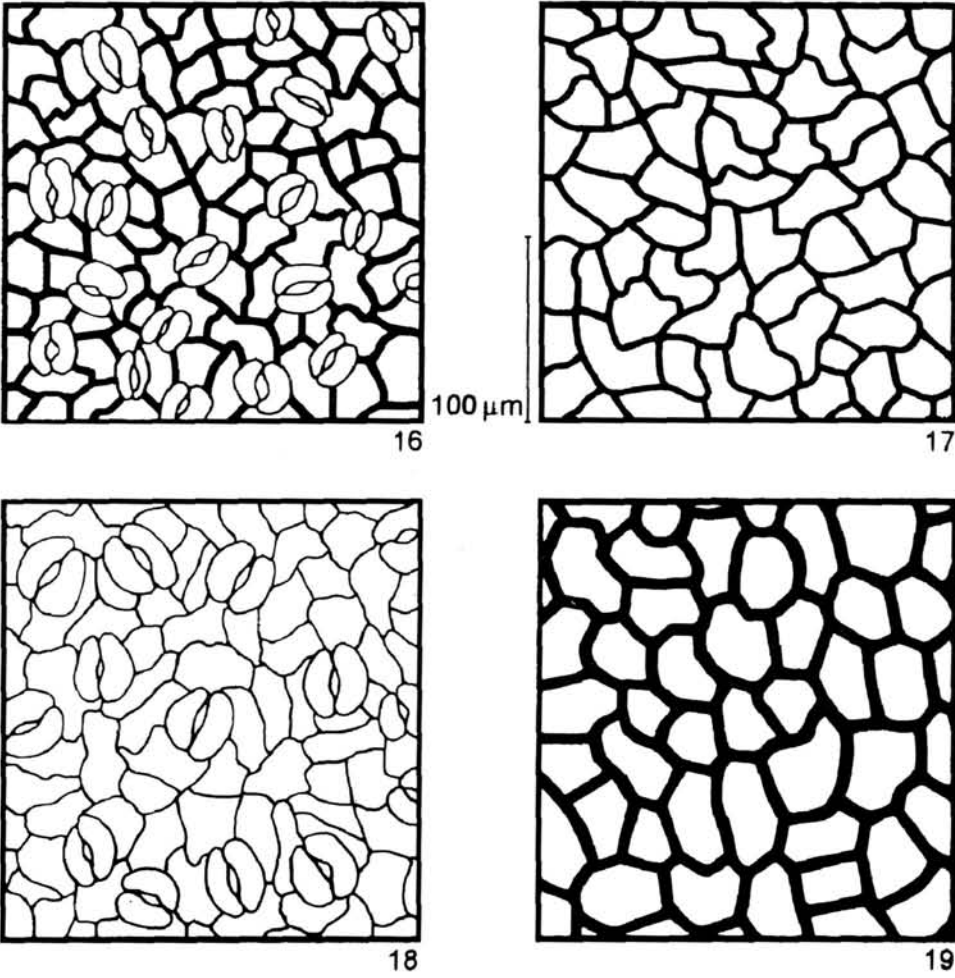
- BENTHAM, G. & HOOKER, J.D. (1876). *Genera Plantarum* 2(2):886,905.
- BITTER, G. (1920/21). Zur Gattung *Sessea*. *Fedde Repert. Spec. Nov. Regni Veg.* 17:199-227.
- CARVALHO, L.d'A.F. de. (1978). O Gênero *Schwenckia* D.Van Rooyen ex Linnaeus no Brasil - Solanaceae. *Rodriguésia* 29(44):307-523. 77 figs.
- D'ARCY, W.G. (1973). Flora of Panama, Part IX. Family 170. Solanaceae. *Ann. Missouri Bot. Gard.* 60:573-780.
- \_\_\_\_\_ (1978). A preliminary synopsis of *Salpiglossis* and other Cestrae (Solanaceae). *Ann. Missouri Bot. Gard.* 65:698-724.
- D'ARCY, W.G. (1979). I. Taxonomy and Floristics. i. The classification of the Solanaceae. In: *The Biology and Taxonomy of the Solanaceae*. Linnean Society Symposium Series 7. Eds. Hawkes, J.G. et al., London, Academic Press Inc. 738p.
- DUNAL, M.F. (1852). Solanaceae. In: *DC. Prod.* 13(1):595-6.
- FRANCEY, P. (1935). *Monographie du genre Cestrum* L.: 48-65.
- HERTER, W. (s.d.). Auf den Spuren der Naturforscher Sellow und Saint-Hilaire. :119-149, 1 mapa.
- HUNZIKER, A.T. (1977). Estudios sobre Solanaceae. VIII. Novedades varias sobre tribus, generos, secciones y especies de Sud America. XIII. Nota sobre *Sesseeopsis*, sinónimo de *Sessea*. *Kurtziana* 10:7-50.
- \_\_\_\_\_ (1979). I. Taxonomy and Floristics. 2. South American Solanaceae: a synoptic survey. In: *The Biology and Taxonomy of the Solanaceae*. Linnean Society Symposium Series 7. Eds. Hawkes, J.G. et al., London, Academic Press Inc. 738p.
- SEITHE, A. (1979). V. Anatomy and fine structure. 23. Hair types as taxonomic characters in *Solanum*. In: *The Biology and Taxonomy of the Solanaceae*. Linnean Society Symposium Series 7. Eds. Hawkes, J.G. et al., London, Academic Press Inc. 738p.
- TOLEDO, J.F. (1941). Sobre a presença, no Brasil, do gênero *Sessea* Ruiz et Pavón. *Arq. Bot. Estado de São Paulo* n.s., f.m., 1(3):64-71, t.86.
- URBAN, I. (1893). Biographische Skizzen. *Bot. Jahrb.* 17:12-198.



**Figuras 1-8.** *Cestrum capsulare* Carvalho et Schnoor. **1.** Hábito; **2-5.** Fases de desenvolvimento do tricoma dendrítico, corola e lâmina foliar; **6.** Flor; **7.** Fruto; **8.** Semente.

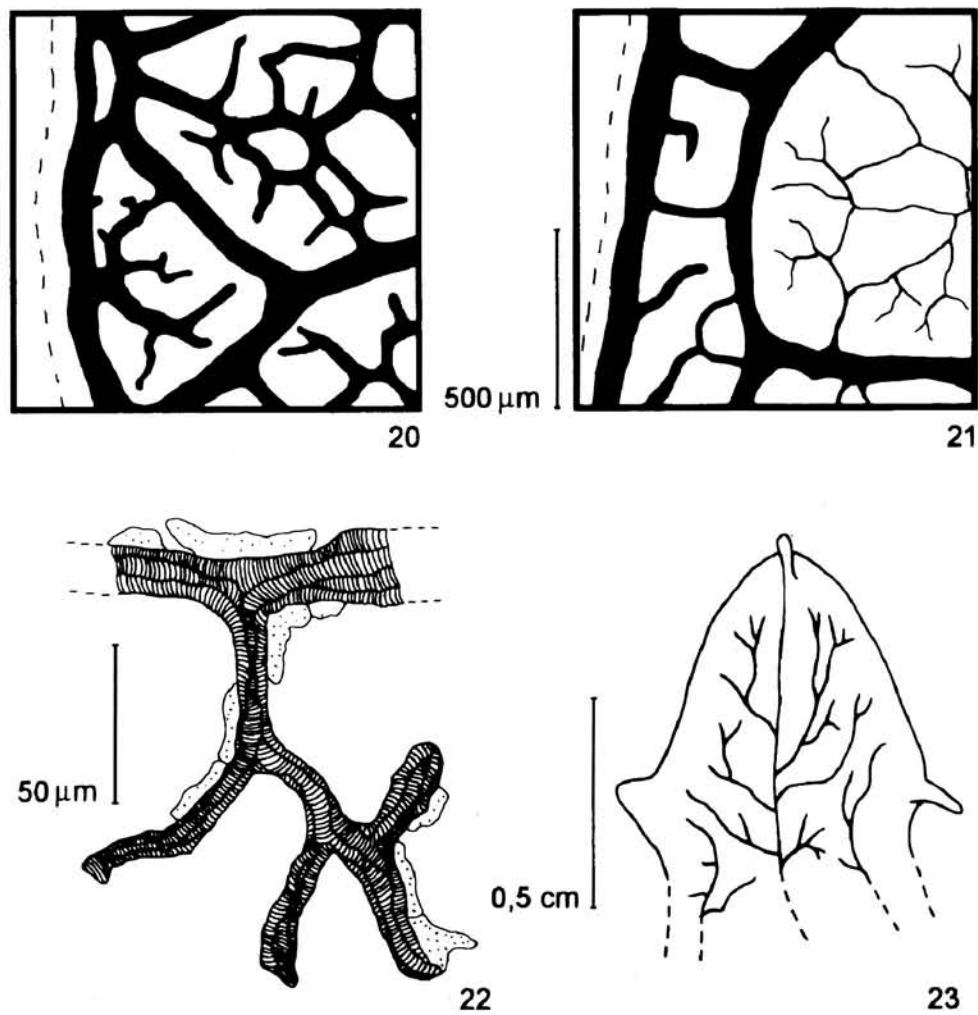


**Figuras 9-15.** *Cestrum toledii* Carvalho et Schnoor. **9.** Hábito; **10.** Tricoma glandular, lâmina foliar; **11.** Fases de desenvolvimento do tricoma glandular, corola; **12.** Fases de desenvolvimento do tricoma ramificado, corola; **13.** Flor; **14.** Fruto; **15.** Semente.



**Figuras 16-17.** *Cestrum capsulare* Carvalho et Schnoor. **16.** Epiderme inferior; **17.** Epiderme superior.  
**18-19.** *Cestrum toledii* Carvalho et Schnoor. **18.** Epiderme inferior; **19.** Epiderme superior.





**Figuras 20.** *Cestrum capsulare* Carvalho et Schnoor; Vascularização da lâmina foliar na região do bordo. **21-23.** *Cestrum toledii* Carvalho et Schnoor. **21.** Vascularização da lâmina foliar na região do bordo; **22.** Terminação vascular; **23.** Apêndice vestigial da lacínia da corola.

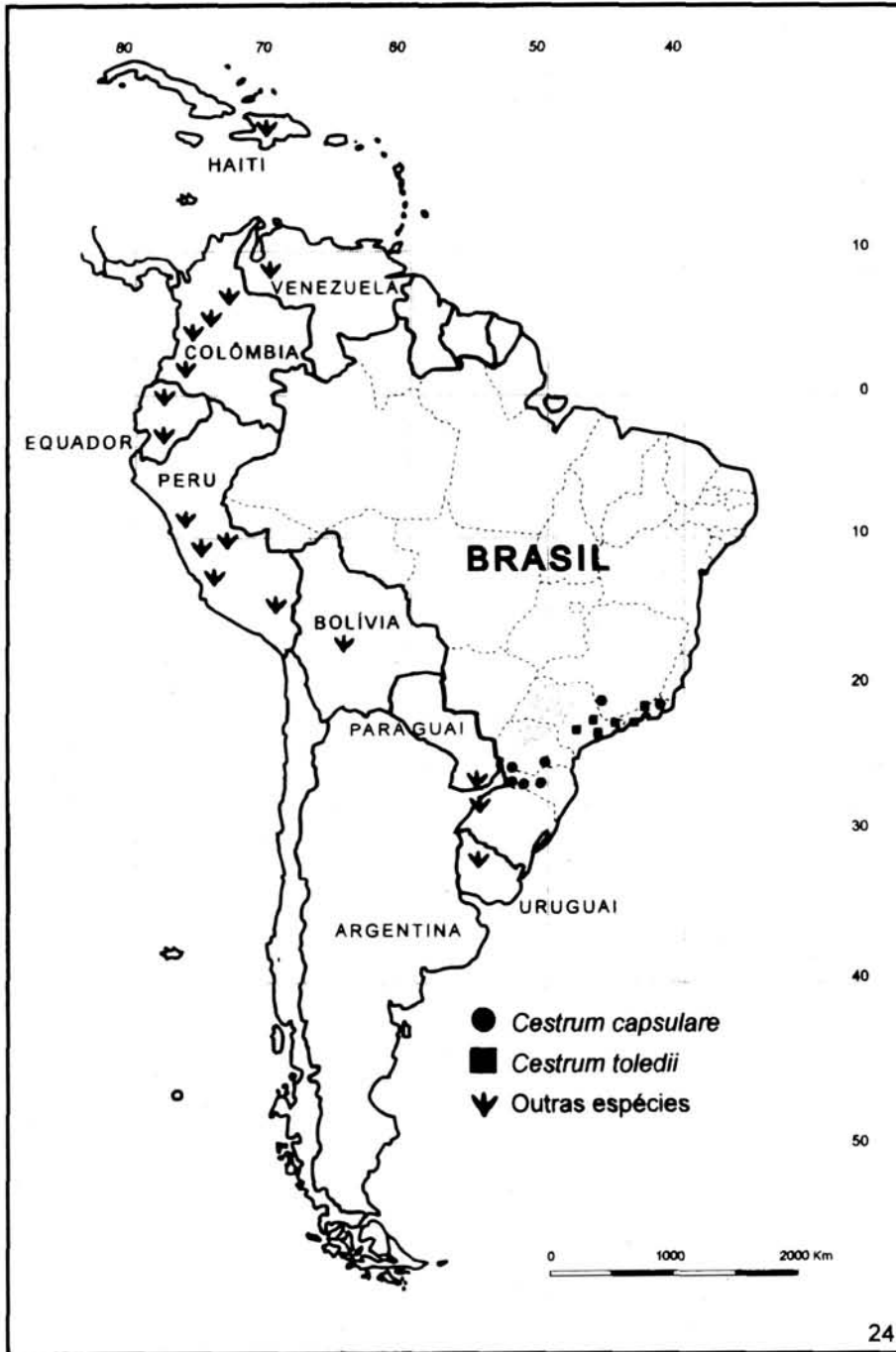


Figura 24. Distribuição geográfica das espécies.